

PROSA & VERSO

Um poeta em plena infância

Manoel de Barros usa as lembranças de menino no novo livro e se diz mais 'coisificado'

Retrato do artista quando coisa, de Manoel de Barros. Editora Record, 84 páginas, R\$ 14.

Mônica Millen

Ele nasceu numa fazenda no Pantanal, cresceu no Rio, viveu dias ligeiramente perigosos como comunista, andou peregrinando pela Bolívia "como um hippie" — isso muitas décadas antes dos hippies surgirem — e chegou a morar um ano em Nova York, onde viu "as novidades do mundo" e fez cursos de pintura e cinema. Agora, do alto de seus 81 bem-vividos anos, o poeta Manoel de Barros se diz acometido de um delicioso ataque de "infância". A palavra, que ilumina o rosto do pantaneiro durante a entrevista — "Acabei de inventá-la. E gostei!", confessa esse "desinventor" de palavras — é também aquela que pode resumir a essência de seu novo livro, "Retrato do artista quando coisa", que chega hoje às livrarias, dois dias depois de o poeta ter recebido, numa festa no Teatro Municipal, o Prêmio de Poesia do Ministério da Cultura pelo conjunto de sua obra.

— O adulto carrega sempre a criança dentro dele, é ela quem o enriquece e eu tenho esse lastro — afirma Manoel, que veio ao Rio para receber o prêmio de R\$ 25 mil, mas, fazendo jus à sua timidez, não planejou noite de autógrafos. — Esses meus novos poemas contêm mais as lembranças provocadas pela infância, das minhas memórias da terra, do Pantanal, pois os velhos esquecem as coisas mais recentes. Mas eu não acho ruim não. Cada livro mostra uma fase distinta, tanto da minha linguagem como da minha vivência. E essa vivência hoje é a infância.

Constituída pelo que ele chama de dois poemas longos, "Retrato do artista quando coisa" e "Biografia do orvalho", esta é a primeira obra do poeta desde "Livro sobre o nada", de 1996, com o qual ele ganhou o Prêmio Nestlé de Poesia, um dos muitos reconhecimentos pela sua escrita.

— Prêmio é um reconhecimento da obra sim, já ganhei muitos, mas não dou valor muito valor a eles. Só apareço nos prêmios que dão dinheiro — brinca Manoel, com os pés fincados na realidade e lembrando também que é feliz por ser um poeta "que vende livros".

Na contramão dessa visão materialista está a poesia do pantaneiro, feita de grandes sentimentos em torno de pequenas coisas como lesmas, pedras, rãs, passarinhos, que volta com toda a força no novo livro. São sentimentos e coisas mais humanizados por Manoel. Que, por sua vez, diz ter se tornado mais "coisificado", experimentando uma perfeita simbiose poética.

— Hoje o Manoel é uma coisa humanizada. Estou humanizando a rã, a pedra, o pássaro. Um poeta quase sempre se torna poeta quando humaniza as coisas. Vai passando o bicho, a árvore, a água. E a criança, porque humaniza automaticamente as coisas, é o maior poeta dos poetas. É essa criança que eu busco e nesse livro essa busca está mais condensada do que nunca.

Poeta mergulha mais em sua própria obra

Para o poeta, figura gentil e risonha que, apesar da famosa timidez, adora uns bons dedos de prosa para desfilir suas histórias, este é também o livro onde ele mergulha de maneira mais profunda em si mesmo. E onde faz o estudo da sua própria linguagem.

— É um livro metalinguístico. Acho que eu precisel falar um pouco mais disso. Eu estudei muito o português para errá-lo. O Fausto Wolf, que assina a orelha do livro, disse que esta é a minha melhor obra. Espero que ele não esteja mentindo, porque gostaria que fosse mesmo. Acho que tenho o dever de parar quando não evoluir mais. Mesmo assim, o poeta do "Livro das ignoranças"



MANOEL DE BARROS: "A criança, porque humaniza automaticamente as coisas, é o maior poeta dos poetas"

e "Gramática expositiva do chão", entre outros títulos, ainda considera seu primeiro livro, "Poemas concebidos sem pecado", de 1937, o melhor. Justamente porque foi escrito nos anos de juventude, em que a infância estava muito mais perto. Porém, "Retrato do artista quando coisa" já está entre os preferidos de Manoel. Se não pelo próprio reconhecimento de uma renovação e cada vez mais simples forma de falar, com tanta sabedoria, sobre a insignificância do homem diante do mundo, seria por um motivo muito mais importante: a aprovação de sua crítica número um, a mulher Stella, mineira com quem se casou há 51 anos.

— Quando o Fausto elogiou fiquei alegre, tomei um porre, mas podia ser só um agrado dele. Só que a Stella disse que está bom mesmo — orgulha-se o poeta, olhando com carinho para a mulher, que o acompanhou na viagem até o Rio, ci-

dade que ele sempre frequenta para desfrutar da paisagem que tanto o seduz e para matar as saudades da filha Marta. — Stella é linha-dura, sofre com ela. De vez em quando diz: "Não está bom, sobe e vai trabalhar". Eu vou e fica melhor.

Disciplinadíssimo, Manoel trabalha diariamente das 6h30m às 11h30m em sua casa, em Campo Grande. No seu escritório ele passa as horas consultando, lendo, averiguando, anotando coisas em pequenos cadernos que ele mesmo faz, caprichando nas capas que exibem reproduções de obras de arte. Neste universo, seu companheiro mais constante é um dicionário do século XVIII, organizado em cinco volumes, que ostenta extensos verbetes de uma página inteira.

— Ali a gente fica sabendo do caminho, da evolução da palavra e isso me traz muita riqueza. Sou muito dependente desse dicionário.

SOBRE MEU CORPO SE DEITOU A NOITE (COMO SE eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de uma pedra.
Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro — feito um osso de gado.
Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote — tipo aquele engradado de madeira que o poeta Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.
Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze.
Eu não sou digno de receber no meu corpo os orvalhos da manhã.

SENTADO SOBRE UMA PEDRA ESTAVA O HOMEM desenhado a moças.
Ele me disse, soberano:

Estou afeito de uma lata, de um cabelo, de um cadáver.
Não tenho mais nenhuma idéia sobre o mundo.
Acho um tanto obtuso ter idéias.
Prefiro fazer vadiagem de letras.
Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto é branco o silêncio do orvalho.

Poemas do livro "Retrato do artista quando coisa", de Manoel de Barros

Depois de tanto fuçar aqui e ali, seja acompanhando o trajeto histórico de cada palavra no dicionário, seja observando essas mesmas palavras nas obras de seus companheiros de ofício, Manoel conta que, de repente, lhe "ocorrem umas bobagens".

— Eu estou trabalhando com a palavra e aí me vem uma idéia. E por isso não acredito em inspiração, acredito em trabalho — afirma ele, categórico. — Mas sei também que transformar palavra em verso, combinar o ritmo com a ressonância verbal, é um dom linguístico. Tenho frases poéticas que são versos. Sei fazer frases.

A poesia começou a surgir na vida de Manoel ainda menino, quando ele cursava o internato São José, na Tijuca, para onde fora mandado pelo pai para aprimorar os estudos. Lá ele conheceu o padre Ezequiel, um padre "sujo, rebelde, desprezado pelos outros, mas que sabia tudo, era o mais inteligente". Um dia, cansado de ler as aventuras juvenis que encantavam os outros colegas, Manoel pediu ao padre algo diferente. Aí conheceu os sermões do padre Antonio Vieira, com quem aprendeu "a beleza de uma síntese".

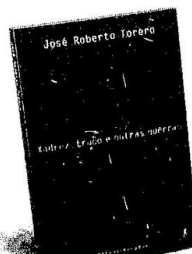
— Aquilo é que me seduzia, a beleza de uma frase. Me empolguei e comecei a ler todos os quinientistas portugueses.

Primeiras poesias o livraram da prisão

A partir daí, foram surgindo as primeiras poesias, ainda primárias, recheadas por um alto teor religioso e que, é claro, acabaram gerando o livro, "Nossa Senhora da minha escuridão". O livro nunca chegou a ser publicado, mas acabou salvando o poeta da prisão.

— Assim que saí do colégio virei comunista. Um dia um colega meu foi preso e a polícia acabou batendo lá na pensão onde eu morava, no Catete — conta Manoel. — A dona da casa, uma húngara que me protegia, disse que eu era muito religioso, escrevia até poesia. Os policiais pediram o livro como prova e nunca mais o vi. Mas também não o publicaria. Era muito ruim. Só gostava do título. ■

Plenos Pecados



NAS PESTES E NOS DILÚVIOS, A IRA FOI OBRA DE DEUS.
NAS GUERRAS, A IRA FOI OBRA DOS HOMENS.
E AGORA ELA ESTÁ NA OBRA DE JOSÉ ROBERTO TORERO.

A IRA. TEMA DO LIVRO DE JOSÉ ROBERTO TORERO PARA A COLEÇÃO PLENOS PECADOS.

A Guerra do Paraguai é o pano de fundo para o segundo volume da série Plenos Pecados, sobre o pecado da Ira. Em Xandrez, Truco e Outras Guerras, José Roberto Torero, autor do sucesso "O Chaleça" e co-roteirista do filme "Pequeno Dicionário Amoroso", leva o leitor a conhecer cada instante da guerra — das artimanhas dos bastidores à violência do campo de batalha, num instigante jogo literário em que as peças vão se combinando ao longo da leitura. Xandrez.

OBJETIVA



